



Director literario:

Arquibaldo P. Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

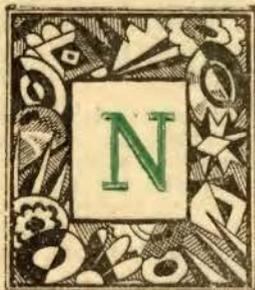
Edwardo Lallys
PAPUSSE



UMA AVENTURA DO BÉBÉ

Por MARIA LUISA BANDEIRA PACHECO

Desenhos de TIO TONIO



ESSA manhã, o bebé acordou mais cedo, e, como não tinha que fazer, pôs-se a pensar.

Quando um meúdo de sete anos pensa, o resultado costuma ser um cataclismo.

Ele sorria e os lindos olhos também sorriam, satisfeitos do que a pequenina cabeça architectara.

Pela janela do quarto, o Sol vinha dar calor ao leitozinho de madeira côr de rosa e, ao lado da cama, estendia-se a pele de um urso branco, comprida e lustrosa, onde os péritos de bebé desapareciam, mal soava a hora embirrenta de miss Mary abrir a porta e dizer:

—It is ó klok Children.

O bom do urso parecia também rir-se e, nos seus olhos de vidro, o claro da manhã punha scintilações de malícia.

Havia um sossego absoluto em toda a casa. Ao lado de bebé dorme a miss Mary, que sofre de cólicas e que a mamã mandára vir de Inglaterra, para cuidar d'ele e habitua-lo a falar várias línguas.

—Para que me massam?—pensava.—A todas as línguas do mundo, prefiro as línguas de gato...

Porém, a mamã não lhe dá bolos nem doces se não obedecer à miss e, então... obedece.

Bébé, como quem toma uma resolução enérgica, sentou-se na cama, deixou escorregar, uma após outra, as pernas, e depois de calçar os seus silenciosos escaletes, pé aqui, pé acolá, aproximou-se da porta e, abrindo-a com muito cuidado, começou a andar pelo corredor.



Como era enorme e formava vários torcicolos, bebê já não se achava muito bem disposto, tanto mais que não tinha a consciência muito tranquila.

O papão já há muito que não lhe metia medo, porque descobrira que era a ama com as calças e o sobretudo do marido, que fingia querer leva-lo, a bater em painelas e fazendo uma voz muito grossa; contudo, não o tranquilizavam os estalidos da madeira, sob as suas passadas cuidadosas. Por fim, parou.

Na sua frente caía, em pregas, magestoso, um reposteiro de veludo, com o braço da sua família, bordado.

— Até que cheguei, crédo! — murmurou bebê, olhando em redor.

Mas, ao vêr o corredor tamanho que percorrera, assustou-se da sua própria audácia; porém, incapaz de retroceder, levantou o reposteiro e entrou. Então, um singular encanto o deteve.

Esqueceu os fantasmas que julgara a perseguir-lo, os castigos do repertório da mamã, para só contemplar o que o cercava. Era a capela toda em mármore branco com os seus tres altares.

No do lado direito está Nossa Senhora com seu manto azul de seda, que a mamã bordara, por promessa, pois que o salvara duma doença da qual já se não lembrava do nome.

Ao lado esquerdo S. Jorge, com uma armadura e lança que reluziam como prata.

Bebê não percebia muito bem porque lhe tinham posto aquilo; achava mais natural na sua pessoa, quando no quintal, comanda soldados imaginários, montado no cavalo de pasta.

E olhava respeitoso para todos os outros santos, ricamente vestidos, cheios de flores...

Quadros pintados a óleo a todo o comprimento das paredes representando aspectos dos martírios porque passou Jesus. Do teto, em abobada, descia o lustre em prata cinzelada, com lâmpadas elétricas imitando vélas.

Dois jarrões da Índia preciosos, em frente do altar-mór. Relíquias, dois estandartes amarelos, esfarrapados, que o seu trisavô ganhara aos francezes. E, Bebê, pensava ao vê-los:

— Quando fôr homem, também hei de ser soldado.

Achava-se agora de mil côres. Os vitraes das janelas envolviam-no nas côres diversas da sua paleta, o Sacrário, onde o Sol batia, era uma luz de ouro.

E, Bebê, deslumbrado, notou, porém, com uma carêta, que os judeus dos quadros que maltratavam Jesus, tinham caras de assustar a gente, tratou logo de subir ao genuflexório, onde sua mãe ouvia missa, e pôs-se então a contemplar, enlevado, a preciosidade da sua casa, a adoração da sua família inteira. Era, no altar-mór, um menino Jesus da altura d'ele. Admirável escultura de perfeitíssima encarnação.

Coberto apenas por uma túnica de veludo branco, a envolver-lhe a cintura um grosso cordão da mesma cor, os pés calçados de sandálias douradas, parecia pronto a dirigir-se para o trabalho com seu pai S. José. Seu rosto juvenil iluminava-se já num sorriso triste e indulgente, duas covinhas marcavam-se nas suas faces redondas.

E bebê estava vendo-se a si próprio! Como o menino tinha cabelo loiro, em caracois, (a mamã não lho quizera cortar ainda), olhos castanhos claros, as mesmas feições, igual brancura rosada de pele. Ria-se admirado, e fazia as mesmas covinhas...

Esta semelhança espantosa, confundível, era a alegria e paixão dos seus pais, que sempre a fazia notar às visitas. Seu tio, arcebispo, afirmava até, que era milagre, e que, com certeza, ele viera ao mundo para grandes coisas, pois

que, Deus, dando-lhe assim a sua beleza, mostrava a proteção que lhe concedia.

— Milagre! dizem todos e nunca faltavam flores ao menino, promessas ricas, toalhas de seda bordadas, para que bebê viesse a ser um grande homem.

Ele tinha-lhe um respeito, uma estima! Que bem se devia estar no altar, às vezes com muita gente ajoelhada aos pés, a beijar-lhe a túnica, a perfumá-lo... Que feliz era o menino a quem ninguém ralhava; que governava o mundo sem dizer uma palavra, sendo tão pequenino!...

Havia muito tempo que Bebê pensava nisto e fôra assim que lhe viera a idéa que ia pôr em prática agora e que representava o seu maior desejo: tomar o lugar do menino, receber todos aquêles mimos, aquêl amor respeitoso...

Seu olhar brilhava resolutivo, febril, as orelhas escaldavam-lhe, agarrava as rendas gomadas das toalhas... Por fim decedido, encostou a cadeira ao altar e segurando-se aos relêvos do mármore, trepou ao encostode veludo onde se descansam as mãos, achando-se daí a pouco ao lado do menino. Neste momento sentiu como que uns arrepios pela espinha, imaginou que um dos seus braços se levantava e o ia atirar dali a baixo. Tremou a valer, cerrou os olhos e esperou!

Como não caía cousa nenhuma, abriu um olho investigador para o menino e vendo-o na mesma posição, animou-se; a torcer o botão do pijame pediu-lhe: — E' só por um bocadinho... Não faço nenhum mal.

Dir-se ia que nesse momento, uma claridade festiva foi pôr um sorriso nos lábios de todas as imagens: Os próprios judeus de barba cerrada, olhar cruel, pareceram quasi sorrir também.

E bebê resolveu-se. Com muito custo e geito, desprendeua fita que enrolada no menino o prendia invisivelmente ao fundo do altar. Em seguida despiu-o e arrastou-o para um

dos cantos, onde ficou escondido pelo cortinado de peluche, que caía de cada lado do altar. Depois procedeu então ao vestuário, mas quando calçava a segunda sandália, percebeu-lhe ouvir vozes e gritos. — Que diacho será aquilo? pensou.

Mas logo teve a explicação: Ainda mal se tinha posto na posição do menino; a mão direita um pouco levantada como a abençoar, o braço esquerdo caído, eis que entram sua mãe e sua ama, que chorando vão ajoelhar na sua frente:

— Meu Deus! — dizia sua mãe — Não sei de meu filho...

— Fazei que ele apareça! gemia a ama. — Ora esta! reflétia o nosso bebê. Aquilo foi o estafermo da «miss», que alarmou a casa toda!

Se digo que estou aqui fazem-me em migalhas; mas deixá-las assim chorar...

Sentia-se já muito atrapalhado e fazia-lhe uma impressão olhar para baixo...

— Estou aqui! ia a exclamar, porém outra mulher aparece,

— O' ceus! A «miss» toda inteira!

Ajoelhando-se também murmurava: — Mim não ter culpa...

— Sim, tu é que tiveste a culpa! dizia-lhe interiormente bebê furibundo. Estás á espera da presa! Não me apanhas... Atreve-te a puxar-me as orelhas!... E triunfante continuou o seu papel.

Já a ama por fim falava na polícia, quando nova mulher entra na Capela; Nova, é como quem diz, já com os seus sessenta bem puxados e toda a aparência de creada de boa casa.

Muito admirada, ela erguia maquinalmente na mão, uma bandeja de prata, onde sobre um papel todo recortado, bebê



poude admirar guloso, um sobérbo «puding» de ovos ro-
deado de «bonbons» e rebuçados.

— Ai! Que boas cousas trazia ali a governante da sua
avózinha...

— O' minha menina, disse ela para a mãe do bebé. —
Interpelava-a assim com o velho hábito das creadas que
estão muito tempo numa casa e para as quais a menina que
serviram o é sempre, mesmo passados muitos anos. — Que
aconteceu? Dizem que o menino não se encontra? Ora
essa!...

— E' verdade Joana, responde a mãe do Traquinas. Não
sei de meu filho; não ha maneira de o encontrar...

— Valha-me Deus! torna a governante. Coitadinho! E
eu que lhe trazia êstes docinhos.

Dizendo isto, na sua consternação, pespega com o «pu-
ding» em cima do altar e agarra-se á senhora...

Agora é que foi bom...

Já muito desorientado o bebé, e com tão apetitosas cou-
sas aos pés, não sabia de que terra era. — Que grande tra-
palhada!

Tanto mais que não sabia se imaginava, mas parecia-lhe
que um cheirinho se evolava da bandeja e, penetrando-o,
o entontecia...

— Que açúcar teem aquêles rebuçados!...

Vendo que não olhavam para êle e sem desmanchar a
posição, abaixou os olhos e... perdeu-se. Incapaz já de
resistir, sem saber o que fazia, inclinou-se e estendeu a
mão... Mas logo ficou estarrecido, de cócoras, vermelho,
agarrado aos rebuçados:

E' que soara unisono um grito das três mulheres, que
fugiam de revoada, fitando-o com olhos assustados.

Eis que a mãe começa a caminhar erectamente para êle,
examinando-o com o «lorgnon... E num instante bebé
sente-se seguro por uma perna e ela a dizer-lhe: — Oh!
meu grande maroto...

Sinceramente arrependido por tantas comoções passadas
e admirado mesmo de tudo que fizera, êle declarou:

— Não te zangues mamã, que eu nunca mais quero ser
menino Jesus.

Escusado será dizer que bebé foi severamente casti-
gado:

Sete dias de abstinência de dôces e clausura no quarto;
entrada para o colégio, vários sermões... mas todos no ínti-
mo concluíam que revelava que «seria um grande ho-
mem».

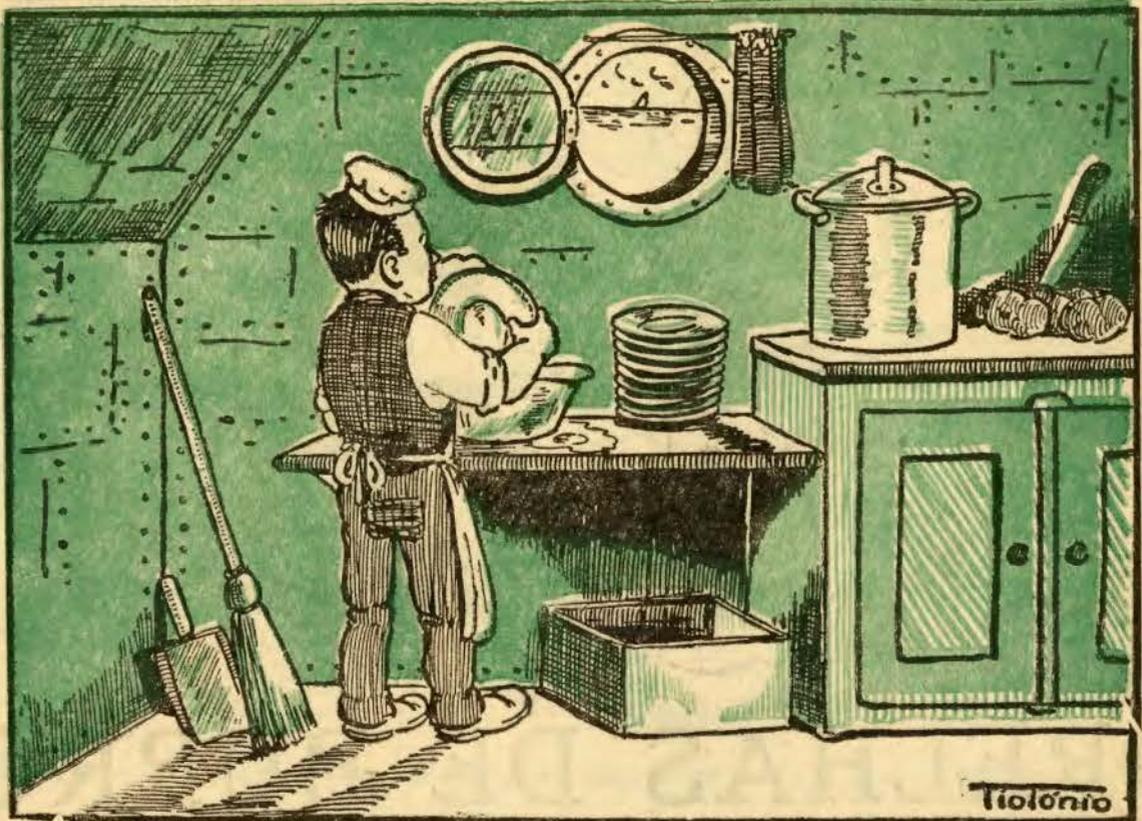
■ F I M ■



MEUS MENINOS

Vejam se descobrem o motivo por que êste palhaquinho da esquerda, está dando
tamanho salto.

Vão, para tal fim, tracejando os pontos pela ordem numérica e alfabética.



Tiolónio

dlatamente (e Roque acentuou com um modo patusco êste advérbio de modo) ao serviço de bordo, mesmo sem ganhar nada! Eu queria andar embarcado!

Três dias depois, Roque lavava a louça de bordo, na cozinha do Ganda.

Ao fim de cinco dias de viagem, entre ondas altaneiras de encapelado Oceano, por clara manhã de Junho, já num mar de rosas, sereno como um lago, Roque ouviu, sôbre a cabeça, no tombadilho do barco, um côro de exclamações:

—«La baie Royale, la baie Royale!...»

O «Ganda» chegara ao Havre, o lindo porto francês.

Dez minutos depois alguns passageiros apiavam-se e Roque solicitava, do imediato, autorização para visitar o porto. Concedida esta, com a observação de que o barco partiria na madrugada seguinte, e que, portanto, recolhesse à noite, Roque, que tinha a sua fígada como sempre, saltou o portaló do «Ganda» e, mal se viu em terra firme, pôs-se a caminhar sem destino.

De vez em quando, esquecido de que se encontrava em país estrangeiro, desejando saber o nome das ruas que ia atravessando, interrogava, os transeúntes que deparava mas, não se fazendo compreender, dava de súbito uma reviravolta e, enfiando as mãos nos bolsos, punha-se a traçar o costumado estribilho:

—«O'-i-ô-ai,
eu se quizer não me ralo,
quem chora perde o seu tempo,
quem não chora há-de ganhá-lo!»

Em dado momento, repisando pela décima vez a predilecta toada, ouviu, com regozijado espanto, uma máscula voz, ao portal de uma fábrica, de chaminés fumegantes, exclamar jovial:

—«Eh, patricio, anda cá!»... Radiante aproximou-se.
—«Ora até que, emfim, oiço língua de gente, entre estas

línguas de trapo, — (bradou Roque, extendendo as mãositas e acrescentando com franca vivacidade:—venham de lá êsses ossos!...»

—«Que fazes aqui?!» perguntou-lhe o conterrâneo, tipo característico de operário português. E, logo, expansivamente Roque se pôs a contar donde viera, de onde era e o que o trouxera ali:—o desejo de vêr novas terras, uma ansia imensa de aventuras.

—«Agora o meu maior desejo é ir para Paris!» rematou Roque que, dir-se-ia dum só fôlego, estivera falando dez minutos seguidos.

—«Também eu para lá vou daqui a uma semana. Se queres, acompanhar-te-hei. Entretanto trabalharás aqui entre os aprendizes do *Comptoir Métallurgique*.»

—«Que vem a ser isso?!» interrompeu o pequenito, entusiasmado pela proposta do operário que antevia ser um belo companheiro e um auxiliar precioso, em virtude da sua completa ignorância da língua francesa.

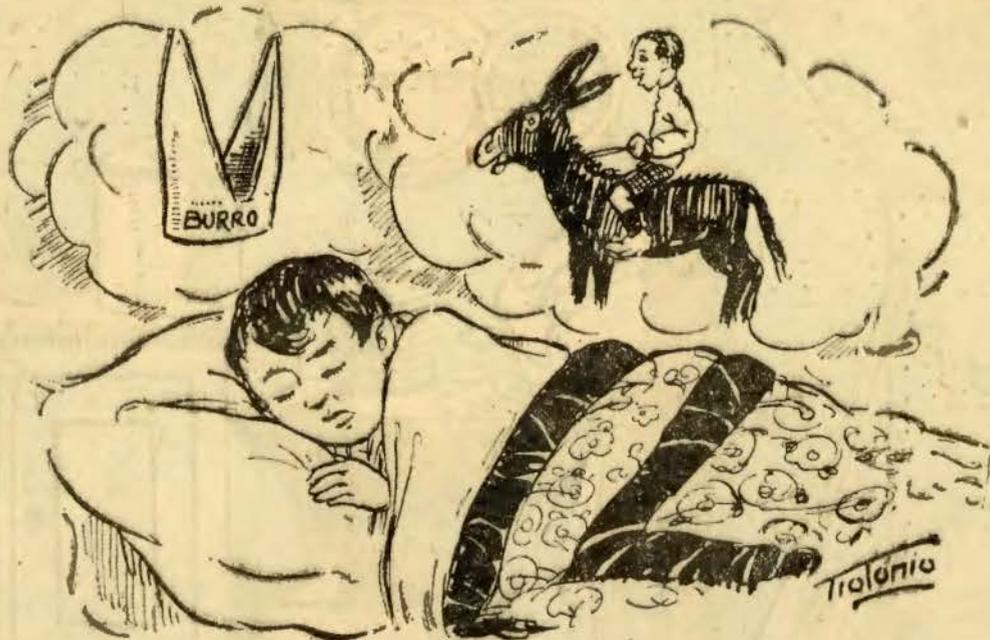
—«E' o nome da fábrica, — (volveu o operário afagando Roque) — queres?!»

—«Está combinado — (concluiu Roque)—vossemecê casu do céu aos trambolhões.

Passados oito dias, após uma breve aprendizagem nas oficinas do «Comptoir Métallurgique» ao lado de Casimiro, que assim se chamava o operário português, Roque, na estação de Honfleur no porto do Havre, tomava o combóio para Paris.

Era inteligentíssima a orientação seguida no Grande Orfanato de Souza, relativamente à educação das suas internadas. Conforme as aptidões reveladas, assim se destinavam a esta ou àquela vida que, mais tarde, como profissão, viriam a adoptar. As que manifestavam mais gosto pelos trabalhos de costura, dedicavam-se de preferência a

(Continua na ultima página)



ORELHAS DE BURRO

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE TIOTÓNIO

Porque estivera casmurro,
e não soubera a lição.
a mestra pôs ao João
umas orelhas de burro.

.....
«Que figura, ai que figura,
que pouca sorte, que asar!
Antes tudo; antes ficar
fechado na casa escura,
sem ver nem ouvir ninguém!
Antes tudo; antes um muro!

.....
Já ontem, jogando o burro,
ficara burro também!»

Assim pensando, Joãozinho,
no seu quartinho
de estudo,
sózinho,
triste, sisudo,
e muito mal humorado,
passando a limpo dez vezes
os erros do seu ditado,
depois de tantos reveses,
principia a bocejar;
deixa pender a cabeça,
e adormecendo começa
o Joãozinho a sonhar:

Sonha que é burro, mas burro
verdadeiro;
que solta tamanho zurro
que estremece o mundo inteiro!
Um verdadeiro gerico,

e o seu amiguinho Chico
se tornara um burriqueiro.

Vê-se entre albardas e cilhas
na grande Universidade,
Faculdade
de Cacilhas.

Súbito, acorda, e esfregando
os olhos inda ensonados,
olha p'ra todos os lados,
ficando
muito risonho,
muito feliz e contente
ao perceber que foi sonho
e que tornava a ser gente!

* * *
Meninos, digam-me agora,
não fôra
mais acertado
que o Joãozinho tivesse
dado bastante atenção
à lição
do seu ditado;
e por, simples distracção,
tantos erros não fizesse?!

Vejam lá se a professora,
ao ver-vos com ar casmurro,
vos põe também, por castigo,
como ao amigo
João,
umas orelhas de burro!!!

F I M

HORA DO RECREIO

ENGENHOCAS E PARTIDAS

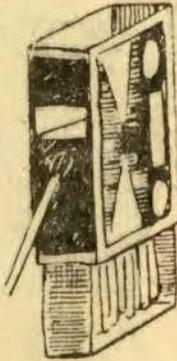
Para acender fosforos ao abrigo do vento

Na lixa de uma caixa de fosforos vulgar, abre-se uma fenda de 1 centimetro de altura pouco mais ou menos.

Para acender o fosforo, esfrega-se este de baixo para cima, obrigando-o a entrar n'essa fenda.

Este, acendendo-se ficará imediatamente ao abrigo do vento.

Não é bom o sistema?



Côisa fácil que ninguém faz

Observem a gravura. Quem não poderá fazer uma coisa tão simples... Levantar um lápis com o auxilio das unhas!

Mas experimentem. Entrelacem os dedos e rindido as palmas das mãos segurem o lápis. Fazem uma tentativa, fazem duas, três e que arre-lia! Nem se mexe.

Já estou vendo a confusão dos vossos amigos quando lhes propuzerem uma coisa tão simples e ao mesmo tempo tão complicada.

Correspondencia

Julio Mendes Ribeiro Martins, Albano da Silva, Oswaldo Coimbra, Manoel Lourenço da Conceição, João Eduardo Vas de Miranda Relvas, Amaeue e Antonio Lirio Ramos, José Amaro Valem, Maria Luiza Vidal, Manuel Martins, José Maria Coêlho Junior, Humberto de Andrade.—Não servem os desenhos destes colaboradores, por serem feitos a lápis. Só a Tinta da China ou tinta muito escura.

Emília Pereira Chaves—Não deve estranhar que não tenha sido publicado ainda o seu desenho, em virtude da grande aglomeração de outros trabalhos que temos recebido. Tenha paciência e espere mais um pouco.

Francisco Taborda—Caro «sobrinho» que já tenho o gosto de conhecer. A tua historia está fraquinha apesar de ser engraçada. Um abraço.

Aida C. Torres Silva—Que pena o teu desenho não ter chegado a tempo... A tinta deve ser mais escura.

Américo Gonçalves—Bravo meu rapaz! O teu desenho está esplendido, apesar do cigarro no meudo não ficar muito a proposito. Só se publicam os retratos dos seis primeiros classificados no Concurso. Caso queiras que devolva o teu, manda um envelope estampilhado.

Um grande aperto de mão.

Francisco Albuquerque Batista—Está fraca a história. Estuda e verás as maravilhas que depois fazes. O desenho também está deficiente.

Joaquim Francisco Nunes, António Godinho Moura, Georgina H. Santos, Aurora Guimarães Gomes, Vasquine Custódio Costa, Carlos Frederico P. Villaret, Carlos Moreira Gentil, Arlinda Têxeira, Ilda Alves e Manoel Alves—Precisam fazer o desenho a traço mais firme e com o menor numero possível de risquinhos.

Tal como enviaram não dá nada como gravura.

Joaquim Santos Justo—O mesmo defeito que os anteriores.

Não é preciso pagar nada para a publicação de historias sendo-o apenas as que estiverem em condições. Se a tua estiver...

Danton Nie—O teu desenho não chegou a tempo. Em minha opinião não fica atrás dos teus outros trabalhos.

Tem ainda o defeito de pouca firmeza de traço, que irá corrigindo com a prática.

Luiz Fillipe de Carvalho—Já não veio a tempo. Estão pouco cuidados os desenhos.

Raul Parda—A Ex.^{ma} Sr.^a D. Administração recebeu o teu desenho, mas nada pode fazer por não vir feito a Tinta da China. Calcula que senhora tão exigente...

Maria Helena Araujo—Ora viva! Então como tem passado?...

O desenho já não veio a tempo; mas talvez seja publicado. Ainda me lembro das *Rosas de Portugal*...

Recebi o beijinho e em troca envio uma duzia! Chegam?

Alda Victorina Santos Martins—Sinto muito não poder publicar um conto tão lindo como o que me enviou, por não estar na indole do nosso jornalzinho.

Antonio C. Lopes—A tua história não serve. Manda um envelope selado se queres que o devolva.

Eduardo Neves—O desenho é copiado.

Artur Fernandes Ferreira—Mais vale tarde do que nunca. Achei graça á tua comédia do *Xossé* e do *Xuan* mas não pode ser publicada por ter pouco movimento.

Faz outra mais completa.

Matilde Vicente Dias—Está fraquinho o conto «Os corsarios».

Tens imenso geito para composição mas deixa-me dizer-te que não acredito que tenhas apenas 9 anos.

Eduardo Oliveira Luna de Carvalho—Já recebi os cavalinhos que estão muito bem feitos. Serão publicados em devido tempo, pois os desenhadores são aos montes!...

Um grande abraço.

Diamantino Jezus Oliveira—Os versos do galego não servem. O desenho vai para a bicha.

Francisco José Marques e Antonio Paulo Saralva—Os desenhos estão muito fraquinhos mesmo muito fraquinhos.

Joaquim Pina Gomes—E' copiado.

João A. Dias Pena—Recebi a tua reclamação. Publicaria a hespanhola se ela... já não tivesse fugido.

Na devida altura verá a luz da publicidade.

Estás de acordo?

De marçano a milionário

(Continuado da página 5)

esta ocupação, de modo a ficarem aptas, atingida a maioridade, a ganhar a sua vida como costureiras em qualquer importante estabelecimento de modas. As que revelassem mais predilecção pelos serviços culinários, aperfeiçoando-se neste mister, facilmente encontrariam colocação em qualquer exigente casa particular.

As que tinham mais amor ao estudo, preparavam-se para futuras professoras e era este o caso de Esmeraldinha que, decorrido apenas um ano sobre a sua entrada no Orfanato, já ensinava as suas companheiras, presidindo às aulas, em substituição das próprias professoras.

Ao som duma sineta, levantavam-se às 6 horas da manhã; tomavam diariamente o seu banho, ao qual logo se seguia a lição de ginástica. Às nove horas principiava o pequeno almoço, meia hora depois iniciavam-se os diversos estudos, até que, ao meio dia, almoçavam, seguindo-se, da uma às duas, a hora do recreio na cerca do Orfanato—(espaçoso quintal dum antigo convento)—findo o qual transitavam, (umas

vezes a pé, em dias bonitos, outras em «camionettes», em dias de chuva,) para a Casa de Trabalho, a quilómetro e meio do Orfanato, a fim de se exercitarem em variados trabalhos manuais. Às cinco e meia regressavam ao Orfanato onde

jantavam por volta das seis. Das sete às nove brincavam novamente e às nove horas em ponto, após as orações em comum, deitavam-se e adormeciam.

Esmeraldinha era feliz agora, livre dos maus tratos e sovas do Ti' Malaquias o qual já por três vezes, a caminho da Casa de Trabalho, casualmente encontrara, sobraçando o pesado cesto das compras que ela, num titânico esforço, tanta vez transportara, depois da fuga de Roque! Era feliz agora. Apenas, de quando em quando, se entristecia à lembrança do seu amiguinho! — «Por onde andaria?!... dizia de si mal sonhando que, nesse mesmo momento em que assim pensava, Roque se

apiava em Paris, deslumbrado por uma civilização que ele jámais supuzera existir.



(Continúa no próximo número)

CONCURSO DE DESENHO

PREMIADOS



I PRÊMIO

José Rodrigues Redondo
Junior

II PRÊMIO

José Augusto de Moura
Cardoso

V PRÊMIO

Rosalta Ivone



III PRÊMIO

Constantina Gomes

N. R. — No próximo numero publicaremos os retratos dos autores dos 4.º e 6.º prêmios, que não chegaram a tempo.